

MUSEU DA PESSOA

História

Os livros nos escolhem sim

História de: [Jorge Miguel Marinho](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 01/12/2008

[Ver detalhes do vídeo](#)

História completa

IDENTIFICAÇÃO: Meu nome é Jorge Miguel Marinho, eu nasci no Rio de Janeiro, no dia oito de julho de 1947, mas minha mãe, por necessidade, porque ela atrasou o meu registro. É tudo verdade o que eu vou falar. E ela era uma pessoa prática e sem grana. Então ela mudou a minha data. No meu registro está oito de setembro, mas eu nasci oito de julho, sou canceriano. Eu faço uma coisa super legal. Os meus amigos comemoram no dia oito de julho. Mas as pessoas que não sabem, como editores, tal, que vêm lá e mandam presente, eu deixo no dia oito de setembro. E às vezes eu ganho dois presentes.

PONTE AÉREA: Gosto muito do Rio, de ter nascido no Rio, mas eu sou profundamente São Paulo. É um encontro dos mais significativos eu ter vindo pra cá. A singularidade de São Paulo atende demais assim às minhas expectativas afetivas, emotivas, o que eu entendo por amigo. E gostando do Rio de Janeiro. E nesse sentido, eu, sinceramente, me sinto privilegiado, porque eu não nasci em São Paulo, eu sou mais paulista do que vocês porque eu escolhi São Paulo como minha terra. Eu vim aqui, e falei assim "É aqui" Até esqueço que eu nasci no Rio de Janeiro. A propósito disso, eu lembro tão lindamente da Clarice Lispector. A escritora tão significativa e uma escritora maior. Quero dizer também uma coisa muito bonita. Porque ela nasceu na Ucrânia. E naquela época política que ela estava saindo de lá, estavam fugindo clandestinos num navio. A mãe parou numa pequena cidade que chama Tchetchelnik, daí a Clarice nasceu e o navio veio ao acaso, não se sabia onde ia chegar. E veio pro Brasil. E ela se identificou totalmente com o Brasil. E ela dizia também: "Eu escolhi o meu Brasil. Aqui é a minha enseada".

PRIMEIRA CASA EM SÃO PAULO: Eu não me lembro bem porque eu acho que eu posso ter vindo pra algum bairro, mas logo eu fui pra um bairro que se chama Tucuruvi, que fica lá na Zona Norte, sei lá quando foi, há cinquenta anos atrás, Tucuruvi era ultra periferia, era muito distante mesmo, eu me lembro que eu andava dois quilômetros pra pegar um ônibus pra vir pra cidade. E vir pra cidade era pra outra cidade. Vocês conhecem o Tucuruvi. Um bairro muito simples. Naquela época, eu morava numa rua que chamava Rua da Esperança, não tinha ônibus, havia um sentido muito comunitário entre as pessoas. Era super legal. As pessoas se davam muito bem. Mas aí eu já vou contando um pouco a minha história de leitura que é o seguinte: na rua em que eu morava tinha apenas uma escola. E era uma escola de madeira, com duas salas. Não havia livros,

não havia livros. Não havia pátio, era só uma escola no morro. Então eu já começo aí a minha história de leitura. eu devo dizer sem fazer apologia da pobreza, eu vim de família extremamente pobre. Muito pobre. Tive um pai legal, uma mãe legal, mas a minha vida mesmo, material, foi muito precária. Meu pai era caminhoneiro, viajava, vinha de três em três meses e minha mãe era uma pessoa viva, comunicativa, mas tinha um problema de asma, de bronquite, naquela época, que era muito sério. Você não tinha nem um remédio pra atenuar um pouco. Então, minha vida foi muito precária. o que a gente fazia? A gente lutava, a necessidade mais imediata da minha família era ter comida, evidentemente. Então, não havia livros na minha casa. Essa realidade eu não conhecia. E dos vizinhos também não. E na escola também não havia livros. Era uma precariedade total.

PRIMEIRA LEITURA: E eu começo dizer, já vou entrar no mote, que é o seguinte, a minha história de leitura, ela não é nada excepcional, nada excepcional, mas ela é extremamente singular, porque eu sou escritor, hoje. Me considero escritor, sou feliz, sou grato por ser um escritor e a primeira vez que eu toquei num livro, que eu coloquei um livro na mão, eu tinha quinze anos. Antes disso, a realidade física do livro eu só conhecia através da cartilha Sodré. Lá no Tucuruvi, naquela época, era tudo muito precário, mas as pessoas tinham uma relação das mais significativas. E como a mamãe ficava, tinha crise de asma, sempre vinha alguém dos vizinhos cuidar da casa, fazer as coisas, porque precisava, nós éramos pequenos. Até chegar nesses quinze anos. Mas era bem de antes. Então uma vez, veio uma menina, uma moça de uns dezoito anos, que se chamava Isolina. E nós chamávamos de Zóla. Zóla, Zóla, só falta parecer o Zolar. Então, eu sou escritor, ainda penso assim, que eu sou muito xereta. No melhor sentido. Assim, eu gosto de saber a vida das pessoas. E quando eu era criança, eu era tímido, eu vivia sempre olhando o que as pessoas faziam. Achava muito legal. Então lá, a Zóla ia, fritava um bife, tal, ia pro quarto, atrás do guarda-roupa. E observava que ela estava tendo uma atitude clandestina. Daí arrumava a mesa, tal. Daí voltava pra trás do guarda-roupa. Num determinado momento ela saía. É claro que eu fui lá. E tinha um livro. Foi a primeira vez. E eu peguei no livro. O livro se chamava Os Padres Também Amam, da Adelaide Carraro. Isso significa o primeiro livro que eu peguei. E daí ela viu e ela falou assim: "Eu te empresto". Eu li. É um livro não erótico, não sensual, ele é um livro também não pornográfico. Era um livro de sacanagem mesmo. Quem conhece Adelaide Carraro. Aquelas histórias super apelativas. E nesse caso era Os Padres também Amam, que era um padre que tinha as suas fiéis, aquilo lá. E ele tinha uma atitude mais generosamente íntima com todas elas. Então, eu li, gostei. Foi a primeira vez, eu gostei. Daí li toda a obra da Adelaide Carraro. Os Padres também Amam, Eu mataria o Presidente, Falência das Elites, tudo eu li. E agora, na época eu não entendia isso, mas hoje eu já consigo identificar o que significa ler. Primeiro, eu gostei, claro, do tema, que atendia as minhas expectativas sexuais de adolescente, minha curiosidade e, sobretudo, numa situação clandestina. Li e gostei. Mas eu registro, já com consciência de linguagem, agora, que o que me entusiasmou mesmo é que dentro de um livro tinha uma história. Tinha uma história dentro dele. Do livro. E tinha uma história clandestina, de uma pessoa que eu não conhecia e eu podia comungar a minha vida com ela, lendo. Então é isso. Tanto é que a gente pode dizer o seguinte hoje: pode dizer "Eu li, gostei e esqueci". Essa história não tinha uma densidade de vida, evidentemente, um texto apelativo. Mas ele foi dos mais significativos pra mim. Porque é aquilo que eu chamo hoje "isca de leitura". Eu acho que você pode começar a ler com tudo. Tudo. Eu penso, sou educador. Gosto de livros, tudo. Não existe um livro específico pra cada leitor. Aliás, depois, estudando, uma pessoa que orientou muito, muito, a minha vida de leitor, que é um bedel que lia muito e eu perguntei assim "O que eu leio?". Ele falou: "Jorge, leia tudo que lhe cair nas mãos". Eu acho isso mesmo. Que o ato de ler é uma atitude tão concentrada que às vezes alguns livros funcionam como isca de leitura e daí você não pára mais. Foi isso que aconteceu. Eu comecei com a Adelaide Carraro e terminei com a Clarice Lispector. Então veja, comecei pela sacanagem, pornografia, e terminei com a metafísica, que tá legal.

PRIMEIRO EMPREGO: Então é assim, eu li o livro da Adelaide Carraro e adorei, mas minha vida ficou curiosa, não tinha orientação. Meus pais não tinham uma cultura. Elas diziam sempre assim pra mim: "Estuda". Era super legal, assim, "Estuda é bom". Havia um companheirismo muito grande, mas eles não tinham nem idéia da diferença entre clássico e científico. Então, daí eu vim de família pobre, como eu disse, portanto eu trabalhei desde cedo, dez, onze anos. Meu primeiro trabalho era catador de lata, de ferro-velho. Às vezes eu cortava um pouco daquele fio elétrico e tinha chumbo e era mais caro em algumas situações. Então, eu trabalhei muito cedo. Então, sempre trabalhando. Eu posso dizer que o segundo momento de iniciação e revelação da leitura como um universo maravilhoso, super legal, não tem nada de visão intelectualista minha, nenhuma mesmo, é saber o quanto o livro fez bem na minha vida. Acho que ao longo do depoimento fica mais claro. Mas, as mulheres, eu devo dizer, elas foram muito significativas na minha vida. Ao acaso, podia ser um amigo, mas foram as mulheres. Continuam sendo ainda, muito significativas. Porque elas são curiosas. São dadas também.

PEQUENO PRÍNCIPE: Então, aos 18 anos eu ainda tinha lido muito pouco e eu trabalhava numa empresa que chamava Companhia Swift do Brasil e tinha uma moça lá que ela ficou sabendo que eu tinha 18 anos, eu tinha lido a Adelaide Carraro praticamente. Então ela falou assim: "Nossa, eu vou dar um livro pra você". Então aos 18 anos ela me deu O Pequeno Príncipe, do Saint-Exupéry. Aos 18 anos. Veja que eu não fui um cara retardatário na leitura. Eu fui um retardado. Porque aos 18 anos é que eu fui ler O Pequeno Príncipe, que as crianças lêem com dez, onze anos. E daí eu tive a segunda sensação incrível de leitura. Tudo isso eu imagino agora, ao longo. Porque me tornei professor de literatura, de língua. Eu li O Pequeno Príncipe. Eu não gostei daquele negócio, assim, "Tu te tornas eternamente responsável por aquele que cativas". Porque eu já tinha um sentimento assim "Pô, se você se faz apaixonar por alguém, você está prestando um benefício pra pessoa. Ela fica inquieta, fica gostando, vê a beleza". Mas o texto, em geral, eu gostei muito, muito, muito do Pequeno Príncipe. Primeiro porque? Porque era a primeira vez que eu via a realidade e sobretudo os sentimentos tratados de uma maneira diferente. Não era do jeito que falava, era diferente. Por que era alegórico, poético. E tinha aqueles elementos da própria fantasia, do imaginário. Aqueles expedientes que saem da realidade imediata. Os expedientes sobrenaturais. A poesia, a fantasia do livro. Eu gostei muito. Mas lá, eu acho que ler, pra mim, me ensinou a ser, foi o instrumento maior de conhecimento do mundo e de

mim mesmo. Então, eu li e eu sei que eu tive uma sensação que depois foi se intensificando. É que o lindo da vida é o transitório, o efêmero, a possibilidade de mudança da vida. Nós estamos aqui maravilhosamente conversando. Ao absoluto. Daqui a pouco vai acabar o tempo, cada um vai embora e essa realidade se dilui. Então esse sentido do transitório da vida, que ela muda, que as coisas não são eternas, me é muito significativo. Mas eu não sou contente com isso o tempo todo, não. E já não era, garoto. Eu gostava de coisas absolutas, eternas. Namorada eterna, amigo eterno, tudo eterno. Então, eu sei que eu gostei desse livro pelo poético, mas eu gostei porque era a primeira vez que vi que era um livro bom e eu podia voltar a essa realidade tantas vezes quantas eu quisesse. Se o meu amigo, as minhas aventuras, as minhas namoradas, elas não se repetiam daquela maneira absoluta, o livro me dava essa possibilidade. Toda vez que eu quisesse, eu voltava pro livro. Até eu aprendi um negócio, a partir daí, que eu gostei tanto com o tempo que a Clarice Lispector fala lindamente no Felicidade Clandestina, eu faço uma força, mas quando eu tô lendo um livro e que eu tô gostando mesmo, eu pego o livro assim e fecho e deixo lá. Ele não existe, eu esqueço que o livro existe, querendo ler. Sabe por quê? Pra eu lembrar de repente que eu tenho o livro e que eu sou extremamente feliz. Sabe criança, quando você ganha um chocolate? A gente faz sempre isso com irmão, sobretudo quando a gente não gosta dele. Você deixa o cara comer o chocolate, quando ele termina você come o chocolate. Então, essa foi a minha sensação de livro também.

MACHADO DE ASSIS: Depois essa mesma moça me falou assim: "Poxa, você vai ler Machado de Assis". O terceiro livro mesmo, além de gibi, essas coisas. Revistinha de sacanagem, claro que eu lia. Então eu fui ler o Dom Casmurro, do Machado de Assis. E daí foi a primeira vez que eu entendi o que era literatura. Eu peguei o livro e eu entendi que o livro, na minha ingenuidade, que ele não se completava só com a história. Que eu não era um leitor passivo. Que recebia aquela linda história. Não. Eu me inquietei profundamente com a vida do Bentinho e com tudo que colocava ali. Então, eu descobri uma característica fundamental da literatura, da boa literatura. É que a história não se completava e não se fazia só por ela mesma. Que eu tinha que interferir na história. Que eu tinha que completar a história. Julgando se Capitu traiu ou não Bentinho. Mas a história como estava lá, ela era uma suposta história que o leitor tinha, de alguma forma, que construir essa história, essa narrativa com seus olhos de leitor. Eu gostei muito da vida do Bentinho. Gostei do livro e eu lembro que no final, na Rua da Esperança mesmo, que não tinha carro, eu li o livro e eu ficava profundamente triste e chegava a chorar, por isso que eu dei uma choradinha agora. Que foi o seguinte: esse estilo do Machado de Assis, o ceticismo forte, mas ao mesmo tempo nas entrelinhas a dor do personagem. Que dizia assim, ele falava qualquer coisa assim: "Tenho trabalhado muito. Vou ao jornal todas as manhãs. Almoço em tal lugar." Aquela narrativa distante e tal. E daí ele coloca: "Soube que Capitu morreu na semana passada". Um flash. Do trágico. Que vinha e tocava, exatamente porque ele dava uma narrativa natural, tá tudo bem. E essa é minha visão de leitor, emotiva.

CLARICE LISPECTOR: Então, eu falei assim: "Literatura é isso, livro é isso". É uma realidade que você pega, te oferece uma história e ela só existe se você completar essa história com seus olhos de leitor. E em seguida, apareceu a Clarice Lispector pra mim. E a Clarice Lispector se tornou mesmo a autora da minha vida. Eu gosto muito de ler, eu sou obstinado. Mas eu gosto muito da Clarice Lispector, até por isso que eu escrevi esse livro Lis no Peito - Um Livro que Pede Perdão, que é ficção. Eu não sou ensaísta, não sou especialista, nada. Mas eu queria escrever um livro que contasse aos jovens leitores como é legal essa mulher. E que ela não é uma autora difícil. Depende de uma certa escolha. Ela é significativa pra mim, por diversos motivos. Primeiro de tudo, que é a capacidade que essa mulher tem de tirar da realidade mais banal, ordinária, comum, o extraordinário. E é uma literatura. É porque uma das características fundamentais da literatura. Por que a gente gosta? Não de tudo, porque tem ainda esse negócio da escola, da crítica, que a gente lê que o Machado de Assis é consagrado pela crítica, então já obriga a pessoa ir com uma leitura pré-concebida. Acho péssimo isso aí. Agora mesmo, no aniversário do centenário da morte do Machado de Assis, que é um dos autores que eu mais gosto na vida, pediram pra eu escrever dois ensaios e um deles eu escrevi, o ensaio chama Muito prazer, Machado de Assis. E que eu aviso às pessoas que a crítica, essa crítica determinada, que consagra, ela às vezes aprisiona o leitor. Eu trabalho muito com professores de escola pública, falo assim: "E aí, Machado de Assis?". Ninguém fala que não gostou. Às vezes a leitura foi uma leitura desavisada e às vezes a pessoa nunca leu. Então, por que eu digo isso? Pra acabar com essa onda que a gente tem que gostar dos livros consagrados. Nada. A relação entre livro e leitor é absolutamente imprevisível. Existem componentes na leitura do texto literário que são determinantes: sua história de vida, seu recorte emocional, o que você está gostando na hora. Então, você tem componentes que vão pra lá. Então, eu gosto muito de todos os escritores, mas a Clarice Lispector atende muito essa coisa tão significativa. Cada texto dela é muito revelador. O que é a natureza profunda na literatura. Eu gosto de dizer assim "Uma das características da literatura é ser uma matéria reveladora". Por quê? Porque quando você lê um poema alguma coisa, vamos pensar num poema de amor, você lê "Amor é fogo que arde sem se ver. É ferida que dói e não se sente". Toca, por mais que você tenha tido experiência amorosa, porque encontrou muitos amores ou porque não encontrou, mas você tem uma história amorosa, quando você lê um poema de amor e ele é significativo, é como se vivenciasse o amor pela primeira vez. Então a literatura tem a capacidade de iluminar a realidade, mesmo aquela com a qual você convive sempre. É claro que entre amar e ler um poema de amor, é melhor amar. A literatura é ótima, mas é melhor amar. A literatura não substitui a vida. Entre comer uma feijoada e ler um conto significativo sobre a feijoada é melhor comer uma feijoada. Mas lendo, lendo um poema de amor você ama melhor. Você tem um perfil de postura melhor no amor. Lendo um poema sobre feijoada você come uma feijoada com mais prazer.

PAIS: Eu sou um cara, assim, comunicativo, mas sou profundamente introspectivo. Eu sou uma pessoa que sai à rua, que adora conversar com as pessoas, que gosta de saber da vida das pessoas. Eu sou muito interessado. Mas eu preciso voltar pra minha casa, ficar na minha casa. Sou um cara solitário e agradavelmente solitário. Então, em criança isso era muito

determinante na minha vida. Porque tinha uma identificação muito grande com minha mãe. Ela tem uma história de vida meio atípica como minha história de leitura. Ela nasceu no Norte, no Nordeste, em Alagoas. Vinha de uma família muito pobre. E aos quinze anos, ela saiu e foi pro Rio de Janeiro. Ela deve ter tido, seguramente, uma vida muito tumultuada. Já garota. E ela não se importaria, de maneira alguma, que eu estivesse gravando isso agora, porque agora eu virei escrito. Ela fica contente. Então, não é indiscreto, de jeito nenhum, mas minha mãe provavelmente teve uma vida, assim, bastante tumultuada, cheia de aventura. Até pra sobreviver. E ela era uma pessoa que precisava lutar, lutar pra viver. Então, primeiro eu tive uma identificação muito grande com minha mãe. Meu pai conheceu a minha mãe, ele era casado, sírio, com quatro ou cinco filhos. Ele se apaixonou por ela e foi morar com ela. E dessa união nasceu primeiro meu irmão, depois eu. Eu tinha uma identificação muito grande com a minha mãe. E até uma certa idade, dez, onze anos, era um garoto tímido, bastante introspectivo, inseguro, assim, de corpo. E tinha motivos até, porque meu pai maravilhoso era legal, todo mundo de casa, mas tinha uma manifestação diferente. O sírio, o árabe, ele é com tudo extremado. Ele ama demais, chora demais, tem raiva demais. É tudo muito grande. Então, eu confesso que eu tinha um pouco de medo do meu pai e do meu irmão também, que era um cara completamente diferente de mim. Ele jogava bola muito bem, eu não sabia jogar, era um perneta. Ele tinha namoradas, eu não encontrava namoradas. Que eu era tímido mesmo. Eu lembro até de uma imagem que é significativa na minha vida, que quando chegava gente em casa eu subia na laje de casa pra me esconder. Porque eu me sentia muito mal, as pessoas me olhando. Mas eu via isso, não era uma projeção da minha cabeça. Quando me apresentava, meu pai falava e eu saía, ele falava assim "Tsc, ele é meio bobinho". Então, isso foi muito marcante. Eu era profundamente introspectivo, tinha medo. Uma vez, de tanto medo, eu lembro que brigando com meu irmão eu dei umas porradas nele e eu saí. Eu resolvi assim: "Não vou fugir da realidade". E eu passei a ficar dentro do medo. Então, a minha vida é bem marcada por uma situação, muito opressora, de contexto mesmo, de vida, muito medo. Mas, de repente, uma saída pra vida. Eu não jogava futebol. Eu cheguei até ser, como é que se chamava? Capitão de um grupo de garotos. Montei lá. Ganhei uma bola de capotão. Nunca consegui marcar muito legal um gol, tal. Mas eu lembro que um dia na Rua da Esperança eu dei um chute e a bola foi descendo, foi descendo, eu olhei e eu falei assim: "Eu não quero ficar com essa, com esse treco de bola". Aquilo, aliás, achava que não tinha lógica na época porque, sei lá, vinte e duas pessoas ficavam correndo atrás de uma bola. Por que cada um não tinha sua bola e pronto. Então, é isso, um cara muito tímido e tal, mas aí eu me larguei e eu comecei a trabalhar muito cedo.

DESDE CEDO TRABALHANDO: Ah, difícil dizer tudo que eu fiz. Eu fui catador de ferro-velho, de lata, fui feirante. Gosta ainda hoje eu gosto muito de feira. Eu acho que lá estão os maiores comunicadores. É super legal como o feirante é sedutor. Gosto de ir na feira. Me sinto importante. Falam assim "Jorge, você não vem na semana que vem aqui, a semana passada aqui, cara. Venha aqui." "Não, eu tô indo." "Espera aí, ó, tem fruta aqui." "Não, não. Não trouxe dinheiro." "Imagina, você paga semana que vem." "Mas eu não tô indo pra casa." "Eu mando entregar em casa." Daí você leva pra casa. Então, eu fui feirante gostei. Eu fui office boy. Eu fui telefonista. Eu servi café. Tem umas coisas legais aí. Eu fui contador de vela numa fábrica. Era legal. Por exemplo, quando eu servia café, quer saber dos meus baratos? Eu gosto demais de falar da vida intelectual, gosto da vida prosaica. Eu era um garoto bobo, mas em parte bobo. Porque era muito astuto e eu me defendia às vezes com o imaginário, com a ficção. A ficção foi super importante na minha vida. Eu sempre soube inventar situações que me defendiam. Mas eu lembro, que quando eu era office boy tinha um desgraçado que era um patrão, italiano, um cara estúpido. E tinha um cara lá que tomava conta do escritório, era um escritório pequeno. Chamava Valter. Então, o patrão chegava e falava assim: "Varteer, vem aqui", ô, Varter, vem aqui". E daí o Valter ia lá, ele ligava pra mim e falava assim: "Traz dois café aqui na sala". Lembro até hoje. Daí eu pegava a bandeja e levava e o cara me azarava, rapaz. Ele mandava eu entregar uma correspondência na Lapa, não me pagava pra condução. Eu fiquei com tanta raiva dele e ele me aprontou tanto, que daí vocês vão conhecer um lado meu justiceiro. Sou justiceiro. Tinha uma pastinha, assim, que tinha as datas de pagar as contas. Dia um paga isso, dia outro paga... Daí eu fui lá mais de uma vez. Eu peguei uma duplicata e rasguei a duplicata e o cara se danou porque foi pro pau. E eu me senti muitíssimo bem. E quando eu fui pra fábrica de velas peguei também um cara desgraçado. Foi lá em Santana. Então era o seguinte, eu ficava no escritório e era um lugar precário mesmo. Era uma pequena fábrica, e as moças, as senhoras ficavam o dia todo fazendo velas. E à tarde a gente cortava as velas delas. E eu, trouxa, é que cortava as velas. Então, em todos eles eu marcava um número maior. Eu já sentia uma coisa legal. Eu não sou um cara super politizado como tanta gente que conhece tudo, do ponto de vista de estudo. Mas eu acho que era um mundo imediato, porque minha vida é pequena. Meu universo é muito pequeno, não é grande. Eu sempre fui socialista. Eu sempre roubei dos ricos e dei pros pobres. Tem até um sentimento de São Francisco de Assis, que eu adoro ele. E da Santa Isabel, que rouba comida do marido e dá pros pobres. Bom, eu acho que tem um monte de coisa antes e daí eu chego na Swift. Que eu conheço, aos 18 anos, a Rosa, que foi uma mulher muito importante na minha vida. Não sei onde ela anda, mas eu sou gratíssimo por ela ter chegado na minha vida. Eu vi primeiro, nas palavras, a vida pela literatura. Por isso que eu sou gratíssimo a ela. E foi uma maneira privilegiada de um sujeitinho se formar através da literatura. Porque ela tem a sua singularidade. Se quiser mais na frente a gente fala da singularidade da literatura, porque que ela é um material privilegiadíssimo na formação de leitores. E até na literatura infanto-juvenil, se é que ela tem uma peculiaridade.

O MUNDO PELA LITERATURA: Mas tudo na minha vida que eu vivi, eu estive com o mundo. Eu não sou um cara, um alienígena. Eu vivia no espaço, mas no espaço da realidade mesmo, o que me interessa é a realidade. Mas o modo de perceber essa realidade através da linguagem, por essa precariedade de leitura que eu tive. Foi, felizmente, graças a Deus, através da literatura. Eu aprendi história pela literatura, filosofia pela literatura, política, psicologia. Cada vez eu fui lendo mais. Por quê? Porque quando eu descobri que tinham livros, aos quinze anos e depois mais, quando eu descobri que havia livros e dentro dos livros tinha história e tinha poesia, me provocou um agradável sentimento de falta. Que existia uma realidade que era os livros e que eu não conhecia, eu não sabia. E, de repente, veio aquele presentão que era. Então, isso me provocou um sentimento permanente, que existe até hoje que é uma motivação pra leitura e uma motivação pra eu escrever, que é um sentimento de falta, um sentimento de ausência. Sempre falta alguma coisa. E eu acho até que isso é muito significativo pra

explicar o próprio processo criativo. Os escritores escrevem porque eles pensam na realidade, porque eles incorporam a realidade. Porque eles estão permanentemente na realidade, mas o olhar da arte, o olhar da literatura é como se a partir de um texto você, se não modifica essa realidade, você inquieta essa realidade pra mudança. Então, tem um poema do Carlos Drummond de Andrade e que eu leio sempre porque ele explica muito bem essa minha história de leitura. Eu passo a ler e ser um leitor obstinado na minha vida. Eu sempre leio. E eu sou eclético. Eu leio tudo. Quando garoto, eu lia O Pequeno Príncipe mas eu lia a Revista do Rádio, Então, eu lia gibi, era meio misturado. Me tornei assim, um leitor obstinado e sobretudo corr essa sensação de que eu li, mas eu perdi muito tempo. Então eu preciso viver mais. É muito legal isso daí. E esse poema do Carlos Drummond de Andrade, que é tão bonito, não só pra explicar minha vida de leitura, mas como a literatura é interessante como memória. É um poema que ele escreveu quando a Ana Cristina César morreu, aquela poetisa linda. Que era perfeita Mulher bonita, inteligente e uma das maiores promessas da literatura feminina. E ela, por um motivo dela, que não vou questionar, ela se matou. E quando o Drummond soube disso ele ficou tão indignado com esse sentimento de perda, de falta, que eu também senti, que ele fez um poema assim: "Eu pensei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão aconchegada, apegada nos meus braços, que brinco e rio e canto exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim. Ninguém a rouba mais de mim". Bonito. Esse poema é meu. Só é do Drummond porque ele escreveu antes de mim Mas ele é meu de tão bonito. Eu acho que às vezes a literatura e certas palavras explicam melhor do que o discurso muito referencial. Eu tenho esse sentimento. De que a arte, ela pode suprir as faltas da realidade. Que a arte é sempre uma promessa de felicidade e uma das coisas mais significativas que eu acho da literatura. Eu vejo literatura muito menos do ponto de vista estético do que do ponto de vista humano mesmo. Literatura pra mim é um texto que está a serviço da vida, da realidade. E eu avalio muito a literatura nesse sentido. Uma das características indiscutíveis da literatura é sua força utópica, é a utopia da literatura. Que é o seguinte: um texto literário, isso é do Mário de Andrade, ele diz assim: "A literatura, como toda arte, por mais pessimista que seja, é sempre uma proposição de felicidade. E a felicidade não pertence a ninguém. É de todos." Se vocês me entendem, eu gosto também da literatura porque ela aposta sempre num mundo melhor. Você pode ler um conto trágico, uma novela terrível, um poema muito triste. Ele denuncia a realidade, ele faz um recorte da realidade precisa, mas pelas próprias características da literatura, porosidade, semântica. Ela sempre aponta que esse mundo pode ser modificado. Me ocorre agora um poema, provavelmente um dos mais tristes da literatura, se não o mais triste pra mim, que é o poema do Drummond, Os ombros suportam o mundo. Que ele diz assim: "Chega um tempo em que não se diz mais: 'Meu Deus'. Tempo de absoluta depuração. Chega um tempo que não se diz mais: 'Meu amor'. Mulheres baterão à sua porta Ficastes sozinho. A luz apagou." E vai por aí. Esse poema é muito triste porque o poeta não fica triste só porque as pessoas sofrem. Ele, sobretudo, fica triste porque as pessoas se habituaram a sofrer. O sofrimento é uma norma. Mas mesmo nesse poema que é tão triste, o tempo todo Drummond tá apontado que esse mundo pode ser modificado. Então, a generosidade da literatura enquanto linguagem - me perdoe os outros domínios do conhecimento, que eu não acho que é melhor ou pior, eu acho que toda forma de linguagem é muito significativa, muito importante - mas a literatura tem essa singularidade. A literatura é sempre uma promessa de felicidade. Vocês não seriam capazes de dizer pra mim de nenhum poema que fala da realidade só como fatalidade. Sabe, como uma coisa, uma realidade dada, é assim e acabou. Sempre existe essa brecha que aponta pra um mundo melhor.

"CASAMENTOS": Então tenho que dizer é claro que tive algumas relações afetivas na vida, algumas intensas, mas eu sou casado e sempre fui casado com a América, minha mulher. Verdade, é uma questão de encontro também. Nossa, de alguma forma eu fiz a América existir e ela me fez existir. Eu sou casado com ela. Com a Clarice Lispector, aí eu não sou casado. Mas eu acredito muito numa coisa, tenho uma visão um pouco romântica. Eu acredito que pra todo mundo existe um amor e um livro, tudo, por Deus, existe um amor e um livro. Às vezes, você se distrai e não encontra. Eu tenho sempre a visão, poi imagem, então eu tenho a impressão assim: uma pessoa vai pra um lugar - depois de labutar muito e não encontrou a pessoa amada - vai pra um lugar, é sempre no centro. Vai e daí vem toda a sua vida, a pessoa da sua vida. Mas acontece alguma coisa, cai uma moeda e o amor passa, meu Deus. É trágico isso aí, a pessoa estava ali, ela encontra aquele amor, eu acredito muito nesse encontro. Então tem que ficar aguçado. Assim como eu acredito que existe um livro que foi escrito e atende às suas expectativas ou a uma parcela das pessoas, sem dúvida nenhuma. Por isso que eu tenho essa visão que a literatura é sempre muito significativa, todo mundo gosta de ler literatura, mesmo as pessoas que não leram. Mas precisa ter esse encontro e às vezes a escola, a educação peca muito, muito, muito. Ela interdita esse prazer que você tem. E no caso da Clarice Lispector, eu fiz essa introdução pra dizer isso: o livro que eu li da Clarice Lispector, embora eu já gostasse de ler, foi o livro que estava destinado a mim. E eu comecei a ler, já li alguma coisa, li um livro forte que foi Paixão Segundo G.H. . Mas porque eu gosto de tudo? Eu gosto muito de clima também. Eu gosto da literatura factual, eu leio tudo, suspense...mas me agrada muito esse tipo de literatura que não é factual. Que você pega um fato, um fato qualquer, que a gente pode falar de um conto qualquer dela, ela fisga o fato, são personagens banais, a realidade é banal. Ela começa num momento também banal, que eu falo que é ordinário, que não tem nada extraordinário, e a partir disso ela vai tirar um extraordinário, porque se você pensar bem a vida é ordinária. Não somos seres extraordinários o tempo todo. Portanto, a matéria fundamental da vida é esse mundo comum, imediato, prosaico e tudo mais. Então, pra mim eu sempre gostei muito da literatura da Clarice Lispector porque no fato tem, sobretudo, a descrição do que esse fato provoca no intimismo do personagem. É muito mais texto de clima do que texto de ação. E a partir daí os temas que muito me agradam, por exemplo, o tema da generosidade. Não é a generosidade babaca, a generosidade religiosa imposta, mas é a generosidade natural do ser humano, acho que ela fala melhor do que eu dizendo com a frase: "Dar a mão a alguém é tudo o que se espera da alegria". Acho que a literatura dela é esta. Gosto também porque a literatura dela é uma literatura que se oferece por partes e respeita profundamente o leitor, ela conversa com o leitor, ela vai dando pequenas porções de vida e a partir dessas pequenas porções de vida a gente vai revendo a vida. Ela tem um texto muito significativo que explica muito, muito, muito a vida dela, porque ela não separou vida e obra, o que eu acho ótimo, tem um pouco a frescura de escritor: "A minha vida é minha vida, a minha obra é minha obra". Imagina Tudo o que você escreve é você, tudo é biografia. De que maneira? Eu escrevo às vezes da perspectiva de mulher, eu tenho a impressão que eu não sou mulher, mas por que eu escrevo isso? Porque eu tenho uma sintonia com aquele mundo,

aquele mundo passa a ser meu. Portanto, tudo é relativamente biográfico. Então ela não separava a vida e a obra. Tem um texto muito significativo, uma frase dela muito significativa, que explica a vertente maior da literatura da Clarice Lispector: "Na vida você não é pelo que você fez". E que é uma atitude normal das pessoas. Você chega num lugar e fala: "Eu sou professor. Eu venho de família pobre, eu sou casado, eu tenho problema de bronquite asmática o tempo todo, eu já escrevi muitos livros". Você conta muito a realidade feita, você nunca se apresenta por aquilo que você não é. E que é uma motivação dentro de você. Ninguém faz. Eu sou o cara que quer ter um bordel um dia, já pensei muito em ter um bordel, tinha vontade de ter um bordel. Eu sou o cara que quero mesmo ter um bordel. Então nesse texto que eu falo pra vocês o bonito é aquilo que você não viveu, aquilo que você não sabe, aquilo que você desconhece. O desconhecido é o que te motiva na vida, é o que te faz na vida. Então, o texto dela é assim: "Eu sei pouco de mim, mas tenho a meu favor tudo o que não sei e por ser um campo virgem está livre de preconceitos. Tudo o que não sei minha parte melhora minha verdade. Tudo o que não sei é o que constitui a minha largueza e é com ela que compreenderei tudo". Não é bonito? Não é? Você sabe, o que faz essa história é o que vem depois disto aqui e que a gente está sem nenhuma bobagem messiânica, não gosto disso. Não tem sentido. É que é da natureza da vida mesmo, captar isso. Então eu gosto dela por isso.

MÁRIO DE ANDRADE: Eu vou só falar rapidinho do Mário de Andrade. Minha identificação com o Mário de Andrade. / pessoas acham que eu gosto demais da literatura dele. Eu gosto da literatura dele muito, mas a minha relação é diferente. Eu gosto do Mário de Andrade, sobretudo, pela figura humana que ele foi, de artista intelectual. Porque se existe no Brasil uma figura que casou tão bem estudo e obra é o Mário de Andrade. O professor Antônio Cândido, que é uma das pessoas que eu mais gosto, de ensaísta, que ele fala, assim - é meio lenda mesmo, nem questiono muito - ele fala e a palavra dele merece todo o respeito: "Quem não experimentou o sentimento da generosidade não entende a obra do Mário de Andrade". Ele era um cara profundamente generoso. Eu gostei tanto dele e fiquei tanto tempo, fiz filme dele como ator, um média metragem, escrevi livro e tal, porque eu lia as cartas dele. É meio simples, eu tinha que fazer tese, ganhei uma bolsa, aquela época eu tinha feito mestrado e você pensa muito que vai dar aula muito tempo e tal, mas a ficção já era muito grande - maior respeito pela academia. Eu acho que me tornei escritor por ter feito letras, mestrado, mas eu nunca fui um ensaísta. Escrevo ensaios, mas eu sou ficcionista mesmo. É o que eu gosto de fazer, literatura. Então, eu acho que esse apelo interior, essa vocação, já tava muito grande. Mas eu ia fazer uma tese sobre o teatro dos primeiros modernistas, que é pouco conhecido ainda. A gente fala muito em poesia, em prosa, romance e conto, mas os primeiros modernistas fizeram teatro também. E o Mário de Andrade, pra não faltar mais essa faceta, ele fez teatro. Então eu lembro, meus filhos ainda eram relativamente pequenos, eu estava estudando, então eu ia anotando pra fazer a tese. E eu anotava do outro lado, "Ah eu vou escrever um conto sobre ele, eu vou escrever isso, eu posso colocar isso". Quando eu olhei um dia o material da tese estava menor que as notas que eu escrevia para um conto. Daí eu falei assim: "Não tem nada que ver, Jorge." Daí eu fui ler e eu li as cartas, que ele foi um correspondente contumaz. E isso começa como uma questão emocional. Quando ele era garoto. Deve ter gente que faz literatura, gente aqui que gosta, que é escritor. O quanto a gente precisa da leitura do outro, o quanto a gente precisa se ver sendo visto pelo outro. Ele mandou pro Vicente de Carvalho e ele nunca deu a resposta. Daí ele prometeu que a vida toda dele ele não deixaria uma carta sem resposta. Então ele se correspondia com Carlos Drummond de Andrade, com Manue Bandeira, Anita Malfatti e tal. Mas ele se correspondia com poeta anônimo lá do Acre, a generosidade dele, escrevia e analisava tudo.

FREDERICO PACIÊNCIA: Então eu gostei muito, muito, muito desse lado humano dele e daí eu comecei. Aliás, você não precisa ler nada sobre o Mário de Andrade - com as cartas dele eu escrevi uma biografia fantasiosa. É uma bio-fantasia que eu escrevi, é a vida da perspectiva de um personagem dele que saiu de um livro, que é o Frederico Paciência. Então essa é a minha ligação com ele, mas que depois que eu fiz o filme eu acho que já estava bom, eu vampirizei também muito. Escrevi livro, fiz roteiro pra filme. Mário de Andrade era muito feio, mas eu sou parecido com ele, então eu fiz o filme também.

TEATRO: E eu não gosto de fazer teatro muito tempo, porque o lugar, o teatro, me apaixonou demais. Eu gosto muito de teatro. Sobretudo por um caráter irreversível de teatro. Adoro desafio. De tão medroso que eu sou eu adoro desafio. Então acho legal você entrar num palco e você não pode voltar atrás. Eu sempre sou um ator que é medroso, eu não sou o cara que domina. Aliás, o ator que domina normalmente fica canastrão. O medo de interpretar é que te faz interpretar bem. Então eu acho legal você entrar no espaço e você não pode voltar atrás, ele é irreversível, você tem que dar conta. E por isso eu gosto tanto de teatro.

SEM LIMITE DE IDADE: Eu acho que nunca tive muito limite de idade. É verdade, nunca. Eu sempre convivi com pessoas mais velhas do que eu, as minhas primeiras namoradas eram mais velhas do que eu. Tinha até um caso, assim, de uma mulher ou outra que era casada, que era legal. Tô lembrando de um caso agora, quando eu era garoto conheci uma, lá em Tucuruvi, uma mulher super legal, bonita, tal, mas o marido dela não era muito legal com ela. E era alcoólatra, ela bebia. Mas era uma alcoólatra legal. Ela falava muito da vida, tudo. E, nossa, ela foi tão legal, ela contava tanto da vida dela e que a gente se apaixonou de alguma maneira. Portanto, eu sempre gostei de gente mais velha, mas vou te confessar: na minha idade agora, querida, não dá mais pra você privilegiar pessoas que não sejam de idade se não eu vou estar fora o tempo todo.

LEITORES: Eu acho assim que uma característica minha, verdade mesmo, sou um cara... - claro que a gente sempre mente

porque até no inconsciente você cria coisas - acho que minha qualidade, é que sou muito verdadeiro. Eu não tenho muito uma visão muito ampla de leitores. Sabe esses escritores que escrevem prum monte de gente? A minha visão, o meu mundo é muito pequeno. Eu estava falando que São Paulo já é grande pra mim. Pinheiro me basta e de sobra. É claro que vivendo intensamente eu posso ter uma visão maior do mundo. Os leitores são importantíssimos na minha vida não só por lerem a minha obra. É porque os leitores nas suas opiniões, eles me fazem ver o que eu escrevo. Honestamente, eu nunca escrevo um texto e fico desesperado que publique. Eu até esqueço que escrevi. Mas a palavra que uma pessoa pode me dar do que eu escrevo é inestimável. Eu sou tão grato, porque eu aprendo muito. E aí não tem nem humildade, é uma questão até de inteligência de escritor. Você escreve, tá feito. O que vier de palavras agora são as leituras que veio. Aliás, o Carlos Drummond, tô falando bastante nele, dizia uma coisa tão legal: "Quem tem a coragem de escrever", porque você tem que ter coragem de escrever, "e, sobretudo, a ousadia de colocar em um público, se cala pra sempre". Se o leitor é bom, sorte sua. Se o leitor é burro, azar seu. Eu, normalmente, quando alguém fala, vai falar, eu não atrapalho a pessoa. Acho que isso foi um traço bom da minha formação de escritor porque desde sempre quando eu escrevi, eu escrevi e dava para as pessoas. E ficava esperando alguma coisa, mas não insistia. E quando as pessoas falavam eu nunca interrompia. Aliás eu aconselho mesmo pra quem quer escrever: você pega o texto e dá pra alguém e depois deixa a pessoa falar, você não tem que justificar o que você escreveu. Se seu livro não acontecer é porque tem seus limites. Agora, é gostoso também você deixar a pessoa morrer dentro do seu próprio discurso. Porque ela fala, mostra coisas significativas que te iluminam. Então é muitíssimo legal o meu contato que eu tenho com o leitor e é uma situação inestimável, porque eu não escrevo por hobby, de jeito nenhum. Eu não escrevo por diletantismo, eu não escrevo pra mim de jeito nenhum. Eu escrevo pro mundo porque eu acho que o escritor, ele tem necessidade de partilhar, dividir, comungar, socializar a sua pequena história de vida com o mundo. Isso não é o escritor, é todo mundo. A gente não se basta sozinho. Você precisa demais do outro por carência afetiva, por perspectiva de entendimento melhor pro mundo em que você vive. Então eu preciso fundamentalmente escrever e ser lido. E se quer saber mesmo, eu escrevo pra mostrar essa minha experiência pessoal com o mundo, mas eu escrevo muito para as pessoas gostarem de mim, eu não tenho nenhum problema com isso. Eu nunca penso em um público grande, minha visão é ser muito pequena, mas eu gosto muito que as pessoas gostem do que eu escrevo. Aliás, é claro que tem isso. Às vezes quando eu escrevo alguma coisa e as pessoas não gostam ou falam de alguma coisa, eu falo sempre assim: "Legal Não, imagina. Claro! Essa teoria que eu tô falando aqui, mas quando você escreve, a relação entre livro e leitor é imprevisível, mas eu fico muito bravo. Eu queria que gostasse mesmo de tudo o que eu escrevo. Eu sou formado em Literatura Brasileira, fiz Teoria Literária. Portanto, eu tenho uma visão também objetiva através dos instrumentos teóricos. Mas, sobretudo, eu sou escritor também. Então dá pra ver como crítico e como o cara que cria. Às vezes, a teoria deixa a desejar, o objeto literário, a arte, ela sempre vai além do instrumento intelectual. E eu digo com certeza pra vocês que quando você escreve você não domina inteiramente o que você escreve. Não é aquela coisa que o texto se escreve sozinho. Até acredito que você possa ser possuído. Não é. É que a linguagem literária, a linguagem sugestiva, ela naturalmente faz emergir em você certas situações que estava meio nubladas. E o texto, ele vai ganhando corpo e tem um momento que ele um pouco te dá o caminho. Não é que ele se escreve, mas ele te dá o caminho. Então, nesse sentido, eu tenho revelações muito grandes através da leitura que as pessoas fazem. Eu já aprendi tanta coisa, tanta coisa, que eu não tinha um conhecimento. Eu lembro do primeiro livro que eu escrevi de sucesso, que foi Escarcéu dos Corpos, e que teve um rebuliço muito grande de crítica, nem esperava - porque eu escrevo literatura através da dimensão do realismo fantástico também - então, fizeram críticas excelentes, legal, aprendi muito. Eu aprendi muito com José Paulo Paes. Que infelizmente me deixou. Que me ajudou tanto na vida. Leitor precioso. Mas eu acho que um aprendizado grande que eu tive foi uma vez logo no começo quando eu fui fazer uma palestra no curso supletivo Santa Inês e daí, tinha uma mulher e ela ficou o tempo todo olhando assim pra mim, daí ela fez uma pergunta super legal. Ela falou: "Querida fazer uma pergunta. Por que você escreve essas coisas?" Foi super legal. Daí eu gostei daquilo demais, porque meu livro inquietava a vida dela e o que você quer na literatura é isso. Para o bem, para o mal, que as pessoas não fiquem indiferentes ao que você escreveu.

VIRANDO ESCRITOR: Sabe lá na Swift, onde eu trabalhava? Já estava com uns 19 aí, porque eu trabalhei uns dois anos nessa mesma moça que me deu o Dom Casmurro - ia ser lançado um jornalzinho dos funcionários - e ela me convidou pra eu escrever um texto sobre o Dia das Mães. Eu ainda era um leitor bastante ingênuo, não que eu ache que eu era menor, mas um leitor ingênuo. E daí eu fui pra casa, mas a minha mãe já tinha morrido. Ela morreu quando eu tinha uns 16 anos, já estava bem conformado, legal, sentia a falta dela, mas não ter mãe era uma realidade que estava integrada ao meu mundo. Nós morávamos eu, meu pai e meu irmão. E sinceramente, três homens numa casa, três homens... Impressionante como mulher faz,) sempre vou elogiar vocês. Sinceramente. A gente tem outros componentes tão interessantes quanto. Mas a falta de uma mulher em casa, você não gruda, você dá muita cabeçada. Então sozinho eu fui escrever o texto pro Dia das Mães. E escrever era difícil pra mim. Porque eu não tinha mais mãe, já fazia um tempo e era difícil fazer aquelas exclamações de costume: "Mãe, a rainha do lar". Que era o que eu ia escrever, era: "O ser maior". Não conseguia fazer aquilo. Então eu escrevi o texto de um cara que queria escrever sobre o Dia das Mães, mas não tinha mãe, portando não tinha assunto. E o título eu não lembro infelizmente eu perdi...Difícil crônica pra alguém que não se vê. E era um cara que queria escrever sobre a mãe, mas a mãe tinha morrido. O bom veio depois. Eu dei o texto pra moça ler, normal. Quero que ela goste. Eu sempre captei isso comportamento no mundo da leitura que as pessoas têm em relação a mim. Então ela veio: "Jorge, Jorge, eu não sabia que você não tinha mãe. Eu não sabia, nunca te pediria isso." E eu fiquei olhando num frenesi. Uma coisa, assim, alegre. Ela estava inquieta. Daí ela foi embora e eu fiquei uma semana sofrendo, porque eu imaginava que ela pudesse não colocar o texto pra não me magoar mais e eu queria que o texto sabsse de qualquer maneira. Daí o texto saiu. Daí quando o texto saiu e as pessoas leram. Eu aprendi também um componente que eu trouxe muito para a literatura: as pessoas em geral, elas não convivem legal com o sofrimento dos outros. Não é por egoísmo, não. Porque na nossa cultura é muito condenável a pessoa que sofre. Você pode ser excelente na vida, você trabalha bem. Se você é triste por natureza, você tem que ter bom humor na sociedade capitalista, produzir e tal, tudo. Então, as pessoas viram, leram o texto, Ah Foi maravilhoso. Todo mundo passava e tinha dó de mim. E eu lembro que tinha um cara mais corajoso que chegou assim e falou: "Jorge" Pegou na minha mão e fez assim: "Vai passar, você vai superar, tá?" Acho que naquele dia mesmo eu saí e falei assim: "Meu deus" Porque eu não sabia

o que eu ia fazer na vida. "Eu sei usar as palavras e as palavras inquietam as pessoas. As pessoas ficam mais próximas de mim". E eu não tinha nem idéia do que eu podia fazer. Daí eu falei assim: "Eu vou ser jornalista." Pra você escrever bem você faz faculdade de Jornalismo.

FACULDADE: Tem a menor idéia, eu fiz técnico de contabilidade. Por isso que é tudo defasado na minha vida. Quando entrei no curso de Letras eu não sabia nem direito o que era marxismo, era um cara super alienado. Então daí eu fui num cursinho. Daí eu falei assim: "Ó meu, quero ser escritor, quero escrever bem, que curso que eu faço? Pensei em Jornalismo." Ele falou: "Jornalismo é legal, olha, tem de manhã e à tarde na USP". E eu não podia, porque eu trabalhava. Daí eu falei: "C que você acha mais próximo?" Ele falou: "Letras." Ele deu uma aula sobre Letras, de análise de texto. Eu fui lá, daí eu encontrei a Ligia Chiappini, era professora da USP, que era ótima. A Ligia Chiappini Moraes Leite estava de manhã, eu tive aula com ela e eu não sabia escrever direito. É, não dá pra explicar. Não tô falando que é talento, nada. É um traço assim. Eu já comecei a viver com a literatura, eu sabia, eu escrevia errado, mas eu sabia falar de literatura. Foi por isso que eu me tornei escritor. Mas muito, muito, porque eu li muito na faculdade. Fiquei tão inflacionado de leitura e de gente que precisava sair por algum canal. E daí foi para a literatura.

PRIMEIRO LIVRO: Primeiro livro? Livro mesmo? É legal demais. Tudo eu acho legal porque é ordinário, é pobre, é marreta, picareta. Então, o primeiro livro? Sei lá, eu estava envolvido com Literatura Portuguesa, aquela coisa surrealista. Não tinha muita noção do que estava escrevendo. Mas escrevia uns poemas muito herméticos e que tinha um jogo de palavras legal. E tem um amigo, que é um amigo nosso, que é o Edson Gabriel Garcia, que é um escritor, ele já tinha publicado um livro, daí eu mostrei - ele tinha publicado um livro pra jovem, eu nem tinha idéia de escrever pra jovem, criança - daí ele falou assim: "Vamos levar lá pro Padre". Daí o Padre olhou, mas ele não leu legal. Ele viu, "Ah, legal." Daí publicou o livro de poemas que chama O Talho. Ele fez uma edição de dois mil livros. O Talho - Poemas. Se você procurar, você encontra os livros, porque não vendeu até hoje essa edição de dois mil livros. Foi o meu primeiro livro. Ele foi legal porque eu vi o livro assim, na mão. Mas ele não teve repercussão nenhuma. Mas logo depois eu publiquei um livro de contos que chama Escarcéu dos Corpos pela coleção antiga da Brasiliense, Cantadas Literárias. E daí ele foi muitíssimo bem.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Eu vi um tema dessa série que vocês estão fazendo das mais significativas pra mim porque você fala, assim, espontâneo. E não fala para especialistas, acho legal. E que a gente identifica também a literatura infanto-juvenil como uma produção específica. Então eu vou te dizer. Existem algumas características da literatura, algumas eu falei... da utopia. Eu acho que outro traço da literatura geral, que é muito significativa, é a literatura humanizadora. Ela é forte porque ela é humanizadora, ela só se importa com a condição humana. Se você botar essa cadeira aqui e fizer um poema sobre essa cadeira ou pintar, que é característica da arte. Essa cadeira, e a representação for a cadeira, por mais linda que seja, com seu espaldar, a madeira, ela não é arte. Agora se nessa cadeira vazia você supuser. Você sentir que existe falta de gente, portanto, ela indica um tema maior, que é a solidão, nós estamos no mundo da literatura. Portanto, ela é humanizadora. É utópica. Ela é reveladora, como eu já falei. E essas características são também para a literatura infanto-juvenil. Então, em princípio, eu coloco tudo numa mesma dimensão. Escrevendo pro leitor criança, jovem ou adulto, a postura é a mesma, desde que ela seja literatura. Ela tem esses componentes e muitos outros. Essa divisão de criança, jovem e tal, ela é muito de uma perspectiva editorial. Eu não tenho dúvida disso. É claro que a gente respeita alguns limites. Você não vai dar Memórias Póstumas de Brás Cubas pra um menino de 11 anos. Só por um motivo. Não porque ele não lê legal, porque ele não tem experiência de vida. Não tem história de vida pra saber se envolver com uma literatura, um texto tão filosófico. Tão verticalizado. Mais eu acredito ainda que encontro de livro e de leitor é imprevisível. Nesse sentido você escrever pra uma parcela muito significativa da população e os componentes são os mesmos. Quando eu escrevo pra adulto é o mesmo jeito que eu escrevo pra jovem. Tô atento pra aquela dimensão literária. Mas é preciso dizer, é preciso dizer que tem uma característica muito específica da literatura infanto-juvenil, e eu acho assim, se um "hall" maior de escritores se levasse muito em consideração, ela ficaria melhor. Quando você escreve, você tem um leitor virtual. Eu não escrevo pra mim só. Eu tenho leitores. É claro que eu tenho a liberdade de criação. Na literatura infanto-juvenil, ou pra criança ou pra jovem, a presença desse leitor virtual ela é mais presente, ela é mais forte. E ela determina mais o seu processo criativo. Então, com a criança eu converso mais. Digamos assim, a natureza da literatura como matéria coletiva. O que é a literatura? Você quer tornar a sua experiência individual, até sem autoria, que ela seja do mundo. Na literatura pra jovem ou pra criança ela é mais determinada. Então, esse destinatário específico, em muito ele define a categoria estética. Eu acho que o grande problema da literatura infanto-juvenil é essa, sem dúvida nenhuma, é essa dimensão didática, que já vem incorporada na sua própria história. Fazendo instrumento literário um veiculador de valores. A literatura não quer isso. A literatura quer falar de pequenas porções da realidade e colocar uma inquietação agradável, ela quer se multiplicar como formas de leitura. A literatura, sobretudo, mais do que conhecimento, ela pretende inventar formas de leitura, cada vez você vê o livro de uma maneira. Mas na literatura infanto-juvenil tem um problema muito grande. A voz do narrador é muito distanciada da voz da criança ou do jovem. Existe pouca ressonância ali. Impressionante, você uma pessoa falando com outra. Então, na boa literatura infanto-juvenil existe uma ação maior em unir as vozes do narrador com a voz da criança ou do jovem. Provocar o encontro mesmo desse mundo. Não é que você olha o mundo e faz muitas concessões. De jeito nenhum. Você tem um jeito mais econômico de escrever e você fala direto com eles. Mas o mundo que você leva, o temas são universais, são os mesmos. O que você vai falar com as crianças? De amor, de solidariedade, de ódio, de morte, de frustração, de violência. Os temas são os mesmos. Existe um jeito de você falar. E portanto, essa preocupação eu acho legal. Com esse leitor virtual que você precisa chegar a ele, mas da forma mais legal, mais familiar. Então, você vai pegar trinta por cento de literatura boa e ótima, porque seguramente no Brasil, seguramente, você tem os escritores mais significativos de literatura infanto-juvenil do mundo. Você pode ter lá pessoas

equivalentes, mas é impressionante como nós temos bons escritores. Começa com a Clarice Lispector, que é uma das escritoras mais significativas pra criança. E conversa, dialoga com criança, tal. O tempo todo.

CONVERSA COM A INFÂNCIA: Eu acho que na literatura você sempre conversa com sua infância, você sempre conver com os temas. Você sempre traz os temas permanentes da natureza humana através de diferentes perspectivas: políticas, existencial, filosófica. Eu acho meio bobo isso que foi dito. Porque mais uma vez você estabelece que escrever para criança é estar muito no universo da infância quando a criança quer se ver como um ser que tem uma determinada idade, mas com um olhar mais amplo pra aquilo. Então, eu diria assim, a grande questão ainda ver a criança como um ser débil. Que viveu um tempo determinado e, portanto, percebe menos a realidade. Aquele eterno retorno, essa questão de mito. Que eu gosto disso aí. Mas fica muito essa conversa, o mito da infância perdida. Eu tô sofrendo até agora, com o mito da minha infância perdida. Então essa é a motivação pra tudo. Eu acho mau mesmo isso, tratar a criança com concessão. Não dar a ela o que ela pede. E quando eu dizia isso, que não tem muito essa demarcação: livros pra crianças com tantos anos. É claro que você vai fazer literatura lúdica, mas identificada com a criança. Tem um livro que eu tenho publicado na Peirópolis, que é o Boi Cor de Rosa ele já tinha uma historinha. Você sabe quantos anos eu fui na editora, na Faap? Sei lá, uns cinco anos eu ia, todo semestre. Era um trabalho na aula de cenografia, os alunos faziam cenário, então, portanto, o livro é uma questão de encontro. Esse livro Lis no tempo, jovem acha muito legal, lê bem, tal. Mas adulto lê.

PROCESSO DE CRIAÇÃO: Eu tenho vontade de escrever. Às vezes eu não tenho tema nenhum, assunto nenhum. Então história, a vontade, o cara que quer escrever. Aí não é histeria, nada. É porque escrever é um componente fundamental da minha vida, como falar com as pessoas. Então, isso acontece das mais diferentes situações. E normalmente acontece uma coisa, eu sempre escrevo, anoto. Eu lembro que eu escrevi um conto que chama A mulher Azul. Que é uma velha, de setenta e nove anos e que ela dorme e durante a noite ela vai ficando azul, ela vai passando pelos diversos tons de azul e no outro dia ela é azul e a família não sabe como administrar isso, os vizinhos, tudo mais. Sabe como eu escrevi isso? Eu estava no ônibus e eu vi uma criança com o olho azul. Era tão azul. Eu tenho esse negócio de imagem. Daí eu fui escrever uma coisa sobre c azul. Saiu o conto. Então vai assim. Um poema que eu escrevi, eu lembro, já convivia com minha mulher. Quero dizer, morava numa casa e ela em outra. Então eu dormia, acordei assim meio mal e tal e ela fez uma coisa que nunca ninguém tinha feito pra mim: ela me trouxe uma bandeja com café. E eu fiquei tão grato e eu escrevi um poema. Outras vezes, por exemplo, O Boi Cor de Rosa, isso é bem legal. Sabe o que aconteceu? Eu sonhei a história todinha. Eu sonhei, no outro dia eu levantei e escrevi. Então, há situações muito diferentes uma das outra. Agora eu sei que às vezes eu escolho um tema, estudo bastante, leio bastante. Às vezes o final é absolutamente imprevisível, eu imaginei escrever uma história de uma determinada maneira. Lis no Peito eu tive o convite, aí foi meio determinado. Eles estavam escrevendo muitos livros, sobre escritores muito significativos, Bandeira, Drummond, tal. Mas ficção. E o objetivo era trazer um pouco os leitores pra aí, pro escritor. E eu escolhi o livro da obra da Clarice Lispector. Mas eu comecei com ficção mesmo. E esse livro é legal, assim, eu não fiz muito plano, eu fui escrevendo. Então eu comecei a escrever o livro, a dificuldade que o escritor tem em escrever uma situação que foi contada em ficção por um amigo. Porque, assim, esse livro é a história de um cara na escola, no colégio. Que ele tem uma violência muito grande. A gente falou, aqui, uma violência muito grande. Ele, assim, espontaneamente, involuntariamente, ele mata um pássaro, esmaga o pássaro. Por uma forte decepção emotiva. Um sentimento de não pertencer a nada, ser rejeitado e tudo. Então eu vi um pouco essa situação. Então ele convida, ele tem um amigo que é escritor, ele convida pro cara escrever o livro pra ele ver se ele entende o que ele fez. E pra colocar esse livro, a público e ele ser julgado, por esse crime que ele mesmo considera. Então a idéia foi muito assim. Eu fui escrevendo como se eu fosse o escritor mesmo, o personagem. E eu fui pedindo o tempo todo ao leitor que lesse e perdoasse. Eu defendo. Então foi isso. Foi interessante você ter perguntado isso. Isso não tinha uma história muito, ela ia acontecendo e a Clarice Lispector conversava comigo todos os dias. Eu converso com os escritores. Eu não corrijo o que eu escrevo. Primeiro porque eu não tenho mais vontade de mexer mais naquilo. Depois, cada livro, sinceramente, eu dou tanto de mim que se ele não estiver bom é o meu limite mesmo, não tem que gostar daquilo. Eu dei o melhor que eu podia. Então, é uma realidade dada. Eu não lembro do que eu escrevi. Agora certamente existe uma coisa, cada texto, pra mim nunca é acabado. Nunca. "Acabou, que maravilha". Não tem isso aqui. Em alguns momentos eu falo: "Consegui, Jorge, a imagem que você queria". Fico contente, metido a besta, mas é super rápido isso daí. Cada livro pra mim, cada texto é promessa do outro texto que eu vou escrever. Eu escrevi, que bom, sou grato a mim, sobretudo. Então, tá feito, mas é promessa pelo outro que vem.

LEITURAS: Eu sou também um leitor meio atípico. Eu gosto de ler coisa ruim, às vezes. Eu sou um leitor muito promíscuo. E leio tudo. Então, eu gosto de ler e eu tenho, claro, algumas misérias emotivas. Algumas mesquinhas interiores. Então, às vezes, eu gosto de ler um texto ruim, bem ruim, porque eu falo assim: "Olha como eu tô legal. Eu não escrevo uma literatura tão ruim assim." Às vezes eu torço por um melhor, adoro teatro. Eu quero tudo pelo teatro, pelas dificuldades. Mas às vezes eu gosto de assistir peça ruim, já que é ruim, pra não fazer aquilo. Mas aconteceram ao acaso algumas situações. Uma delas foi que eu peguei um conto do Cortázar, Carta a uma Senhorita em Paris, que eu não tinha idéia do realismo fantástico. E com era aquela carta. Adorei. É seguramente um dos textos primeiros da minha vida. Aliás, eu tô fazendo já, de muito tempo, eu tô fazendo uma peça. Ter o trabalho de ator é esporádico. Eu fico pra literatura de dois e dois anos, três, eu faço alguma coisa. E agora eu tô fazendo esse conto, é um monólogo e que muito me agrada pelo sentimento de revelação que eu tive. É um tema que eu gosto muito. Muito. Não foi um mérito meu. Todo mundo gosta muito do tema tratado pelo Cortázar. Que é o seguinte, são vários. Mas todo mundo tem um aleijão dentro dele. Um aleijão espiritual, físico. Emocional. Alguma coisa que a sociedade condena. E você vive do olhar da sociedade e você guarda muito tempo. Ele é clandestino. Mas, às vezes, esse suposto defeito, esse suposto aleijão que você tem é tão grande, tão grande, que ele fica maior do que sua vontade de

administrar. E esse defeito que foi condenado o tempo todo aos olhos da sociedade é sua parte melhor. Então trata tanto da carência afetiva de você se guardar. De você se censurar, porque o mundo te censura, isso é comum, todo mundo tem. É a metáfora é você vomitar coelhinhos, que o texto fala. Você tem muitos coelhinhos e chega uma época, você esconde, você vomita um, escondido, você vomita outro. Todo mundo tem um coelhinho escondido. Eu tenho um monte, um monte, já me liberei de muitos, muitos, muitos. Mas sempre você tem. É uma paixão clandestina que você tem. Você é uma pessoa que você não podia amar. A mulher do seu amigo, anos e anos. Chega um momento que é tão grande, tão grande, que isso vem. Aludia na realidade. E isso que você censurou tanto tempo é a sua porção melhor.

VIDA DE ESCRITOR: Pra mim, o componente medo sempre foi presente. Eu sempre tive medo. Da realidade e tive medo de outras realidades. Então, escrever é uma necessidade muito grande, mas ela também é motivada por medo, até motivada por medo porque você vai jogando palavras como iscas. Pra pegar a realidade. Às vezes você não pega. Agora, é muito simples de responder, assim, tudo o que eu tenho medo é porque tem uma significação muito grande pra mim, muito grande. Então, eu nunca fico fora do medo, não sei até quando vai ser isso daí. Pra mim é melhor estar dentro do medo do que ficar assistindo o medo. Por exemplo, entre abrir aquela porta e ter medo de que apareça uma realidade muito estranha... Sou xereta, eu prefiro abrir a porta e ficar dentro do medo. Então, eu acho que eu enfrento esse medo porque o prazer é muito maior do que o medo. Com a minha necessidade de ser visto pelas pessoas, de querer entender melhor a vida dos outros. Eu me considero sempre muito precário, muito incompleto. Literatura faz isso. Então, é escrever e jogar no mundo. Eu acho que eu resolvo isso...até quando eu tô escrevendo eu preciso muito de alguém. Então quando tô escrevendo, eu preparo a cabeça de quem está perto, de amigo que vem lá em casa. "Você quer ver? Eu to escrevendo um texto tão significativo". A gente tem medo de que a pessoa não goste. Então, sou sedutor, um pouco. "Eu gosto demais disso aqui, quer ver? É por isso, isso, isso e isso". Você joga, mas eu não diria que você tem medo nessa hora. Tem cagaço mesmo. Eu não sou tão seguro assim. Eu acho que a literatura é uma manifestação intensificada da vida. Ela é densa, é profunda. Aliás, diferentemente dos outros domínios do conhecimento e vai aí mais uma particularidade, você pega um livro de história, ele querendo resolver o problema de pedagogia, resolver o problema da alfabetização. Todo estudo, ele se propõe um pouco a resolver uma realidade. A literatura, ela é tão humilde. A arte, ela é tão na dela. Ela pega um uma porção da realidade, só. Essa porção da realidade pode ser uma xícara, que a batida da xícara no poema indica a monotonia da vida. E pode ser um personagem qualquer. Um operário que morre na música do Chico Buarque. Operário, em "Construção". Mas aquilo não é só aquele operário, ele é uma porção da realidade. Mas a profundidade da literatura vai mostrar que ele não era só operário, ele é própria dimensão da luta social. Ele é a própria dimensão da força do trabalho universal, sem pátria, sem lugar. Então, por ser assim, por essa característica de ser intensificada, eu acho que todo livro, toda literatura ela, ela provoca. Você se alimenta, mas ela provoca uma fome permanente de ver novos livros, de escrever novos livros, de ir sempre, sempre além. Agora, eu gosto particularmente dessa idéia sua de que não só os livros lêem os leitores, mas eu acho que os livros, seguramente, escolhem os leitores. Você escolhe o livro, mas o livro te escolhe. Dá pra entender? Não é papo maluco, não. Quando você lê, ele vai te escolhendo. Cada leitor tem uma convivência muito particularizada, muito íntima. Se nos outros domínios do conhecimento isso não acontece, na literatura acontece, os professores tinham que entender mais isso. Que a primeira relação com o texto é de caráter emocional. É uma burrice não entender isso. Essas idéias muito épicas. Ler distanciado, nada. Você lê primeiro e se toca, ou não. Você tá com fome e falou em comida, é bom aquilo ali. Ou o personagem que tem mais fome, você se identifica. É uma metáfora. Eu acho que os livros nos lêem e os livros nos escolhem, sim. Você entende que no processo da leitura você vai se encaixando com as palavras, você vai construindo uma história que está ali, mas é muito que você inventa.